

Estratégias de relativização nos meios de comunicação social portugueses

*Eva Arim, Maria Celeste Ramilo,
Tiago Freitas*
ILTEC

1. Introdução

No presente artigo, propomo-nos estudar as orações relativas que integram verbos que regem uma preposição e as diferentes estratégias empregues na sua construção. Os dados aqui publicados têm por base a análise do *corpus* REDIP, um *corpus* que contempla a linguagem produzida na rádio, televisão e imprensa, em Portugal, no ano de 1998.

Os pronomes relativos podem estar associados a constituintes preposicionados. Canonicamente, a preposição acompanha o movimento do pronome relativo, situando-se no início da oração relativa, juntamente com o pronome relativo, com o qual forma um constituinte relativo, como podemos ver no seguinte exemplo:

(1) Comprei o livro de que me falaste.

Neste exemplo, temos o verbo *falar*, que selecciona como complemento a preposição *de*.

(2) Falaste-me do livro e eu comprei-o.

Além desta estratégia de relativização, a estratégia canónica, existem outras duas estratégias de relativização disponíveis para o português, que ocorrem sobretudo na língua falada (cf. Alexandre, 2000):

- i) estratégia cortadora
- ii) estratégia resumptiva

Nas orações relativas cortadoras, a preposição que acompanha o movimento do pronome relativo é suprimida:

(3) Comprei o livro que me falaste.

Nas orações relativas resumptivas, a preposição não acompanha o movimento do pronome relativo, ficando na sua posição original. Estando *in situ*, a preposição não pode ficar sem complemento¹, sendo introduzido nesta posição um pronome resumptivo. Neste caso, o *que* perde a sua função sintáctica de complemento oblíquo, passando apenas a funcionar como elemento de ligação entre as duas orações:

(4) Comprei o livro que me falaste dele.

Embora estas duas estratégias não sejam reconhecidas pela norma da língua, o que se verifica é que a estratégia cortadora, apesar de ser a mais recente das três, é muito frequente no discurso oral dos falantes, mesmo os mais escolarizados, o que parece confirmar a existência de uma mudança em curso.

Neste estudo, não consideraremos relativas sem antecedente expresso, cujo pronome relativo é o constituinte *o que*. São relativas que existem no nosso *corpus* mas em que a preposição nunca está presente. A sua presença geraria a agramaticalidade da frase. Vejam-se os seguintes exemplos²:

(5) Mas o (*de) que se fala aqui é uma coisa bem mais grave.
[Casos de Polícia, SIC]

(6) É de facto uma condenação total o (*a) que se está aqui a assistir.
[Casos de Polícia, SIC]

Nestas frases, a presença de uma preposição só é possível se substituirmos o pronome demonstrativo *o* pelo pronome demonstrativo *aquilo*, como mostram os seguintes exemplos:

(7) Mas aquilo de que se fala aqui é uma coisa bem mais grave.

(8) É de facto uma condenação total aquilo a que se está a assistir.

Na parte final do presente artigo, consideraremos ainda a existência de casos em que a preposição é indevidamente utilizada ou porque o verbo da construção não rege nenhuma preposição (p. ex. *pensar de que*, em vez de *pensar que*) ou porque rege uma preposição diferente daquela que os falantes utilizaram (p. ex. *discordar com alguém*, em vez de *discordar de alguém*).

¹ Veja-se a agramaticalidade de uma frase como:

*Comprei o livro que me falaste de.

² Alguns dos exemplos apresentados foram editados em termos de pontuação e capitalização e também no sentido da supressão de repetições e hesitações. No entanto, não procedemos a quaisquer alterações textuais, pelo que é natural que surjam nas frases desvios e erros de performance.

2. Descrição dos dados

Peres e Mória (1995) e Alexandre (2000) consideram que as relativas resumptivas são muito frequentes e generalizadas no discurso oral e que as relativas cortadoras estão progressivamente a ganhar terreno. Contudo, os nossos dados revelam que, apesar de as relativas resumptivas existirem há mais tempo na língua portuguesa³, esta estratégia é muito menos produtiva e mais marcada que a estratégia cortadora. Em todo o *corpus* apenas encontramos duas relativas em que a estratégia utilizada foi a resumptiva. As relativas cortadoras, por seu lado, ocorrem frequentemente. Alguns autores (cf. Peres e Mória, 1995) pensam que isto se deve, possivelmente, à influência do PB sobre os falantes do PE.

Independentemente das motivações sociolinguísticas existentes, o que parece estar em causa é a reanálise do constituinte *que*. Nas estruturas relativas, como nas completivas, verifica-se uma tendência clara para a simplificação do complexo preposição-complementador, resultando no apagamento do elemento preposicional.

Vejamos, então, um quadro⁴ que mostra a frequência com que as diferentes estratégias de relativização ocorrem:

Tipo de relativa	Casos atestados	%
Relativas canónicas	189	71
Relativas cortadoras	74	28
Relativas resumptivas	2	1
Total	265	100%

Num estudo semelhante àquele que aqui desenvolvemos, Bagno (2001) apresenta, também em termos percentuais, a frequência com que cada uma destas estratégias é utilizada no português do Brasil. Considerem-se os seguintes quadros, correspondentes à língua falada de brasileiros cultos⁵:

Tipo de Relativas	Percentagem	Tipo de Relativas	Percentagem
Relativas Padrão	20,5%	Relativas Resumptivas	6%
Relativas Não-Padrão	79,5%	Relativas Cortadoras	94%

³ Bagno (2001) refere que o latim vulgar já apresentava esta estratégia de relativização.

⁴ Deste gráfico foram excluídas as relativas em que o pronome relativo tem função de adjunto, pois em 99% dos casos encontrados a estratégia utilizada foi a canónica. Observemos uma frase do *corpus* [Secção de Política, *Expresso*] que contém uma estrutura deste tipo:

“Se o criminoso, no momento em que decide colocar a bomba, se lembra que António é às vezes acompanhado pela mulher, Ana, então tem de admitir que ela também poderá morrer em consequência da explosão”.

⁵ Dados obtidos com base no *corpus* do Projecto NURC e em transcrições do programa de rádio *Certas Palavras* (transmitido entre 1981 e 1994 para as cidades de São Paulo, Rio de Janeiro e Campinas) e do programa de televisão *Roda Viva* (TV Cultura, São Paulo) feitas pelo autor.

Observemos também as percentagens relativas à língua escrita, obtidas com base em material jornalístico⁶:

Tipo de Relativas	Percentagem
Relativas Padrão	6%
Relativas Não-Padrão	94%

Os dados relativos à língua falada levam-nos a concluir que, tal como acontece em PE, a estratégia resumptiva raramente é utilizada em PB e é sentida como marginal pela maioria dos falantes. A ideia mais importante que há a reter é, no entanto, a de que em PB a estratégia cortadora já se sobrepôs à canónica, ao passo que, em PE, apesar de a estratégia cortadora ter vindo a ganhar terreno, a estratégia mais utilizada continua a ser a canónica, pelo menos no que respeita ao discurso dos meios de comunicação.

2.1. Cortadoras

As construções relativas em que a preposição está omissa são mais ou menos frequentes consoante o verbo que integram. Assim, nas frases relativas com os verbos *falar* (*de*), *gostar*, *chamar* e *precisar*, verifica-se que a preposição tende a desaparecer com mais frequência:

Verbo	Percentagem com que a preposição é suprimida	Número de orações em que se verificou a supressão
Falar (<i>de</i>)	74%	17
Gostar (<i>de</i>)	83%	5
Chamar (<i>a</i>)	83%	10
Precisar (<i>de</i>)	100%	6

Seguem-se alguns exemplos destas construções extraídos do *corpus*:

- (9) Isso é um atributo que as pessoas, prontos, gostam.
[*Dinheiro Vivo*, RTP2]
- (10) As massas associativas têm que efectivamente valorizarem aquilo que gostam.
[*Os Donos da Bola*, SIC]
- (11) Ideias é aquilo que toda a gente fala.
[*Jogo Falado*, RTP2]
- (12) Não fixei o nome da pessoa que tu falaste.
[*Conversas Secretas*, SIC]

⁶ Foram consultados, entre outras publicações, o jornal *Folha de São Paulo* e a revista *IstoÉ*.

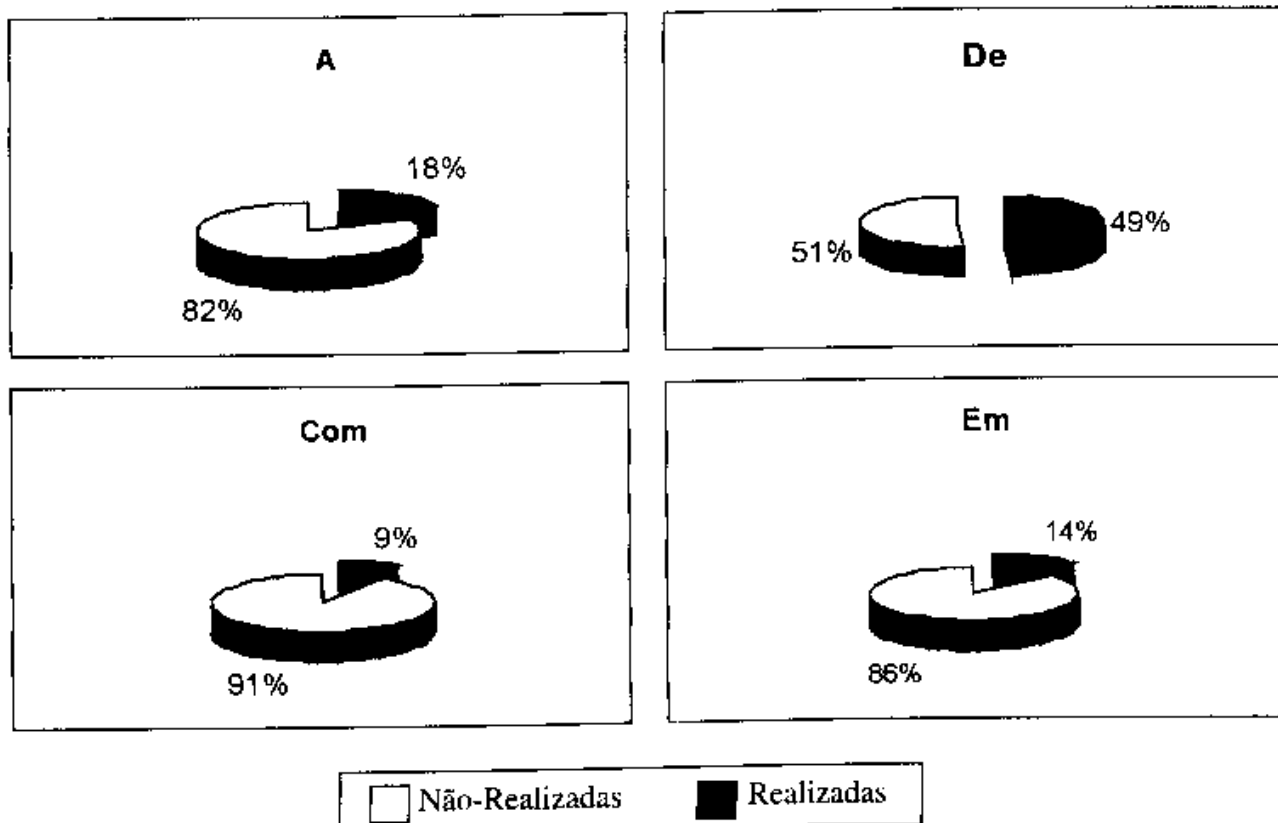
- (13) Já estivemos a ver as adivinhas que vamos precisar para entrarmos no irc.
[2001, RTP2]
- (14) A linha de crédito que precisariam seria de cento e cinquenta mil milhões de dólares. [Noticiário, RDP]
- (15) O audiovisual também está neste conjunto que eu chamo multimédia e comunicações interactivas.
[Dinheiro Vivo, RTP2]
- (16) São passos no sentido daquilo que se chama mais união política.
[Noticiário, RDP]

É também com estes verbos que a aceitabilidade da supressão da preposição parece ser maior. Frases como a que se segue já começam a ser sentidas como estranhas e pouco naturais por muitos falantes:

- (17) A rapariga de que eu gosto faz-me rir.

Bagno (2001) refere também que, por exemplo, numa campanha publicitária, as relativas cortadoras conseguem ter um maior impacto do que as canónicas, que apresentam estruturas mais pesadas. Uma recente campanha publicitária feita em Portugal parece confirmar esta teoria. Nos cartazes da campanha, podíamos ler: *a cerveja que eu gosto*.

Podemos também verificar que existem preposições que são mais facilmente omitidas que outras:



Preposições como *de* são facilmente suprimidas, ao passo que preposições como *com* raramente desaparecem:

- (18) ...o grande consenso (**de**) que uma reforma destas... necessita.
[Debate sobre o Referendo sobre a Regionalização, RDP]
- (19) A alternativa **com** que nos iremos deparar nas eleições legislativas.
[Secção de Opinião, Expresso]

Tal como existem verbos que revelam uma tendência para a perda da preposição, outros existem em relação aos quais se verifica o oposto. Entre eles, destacam-se os verbos *passar (por)* e *presidir (a)*, que no *corpus* aparecem sempre em estruturas canónicas:

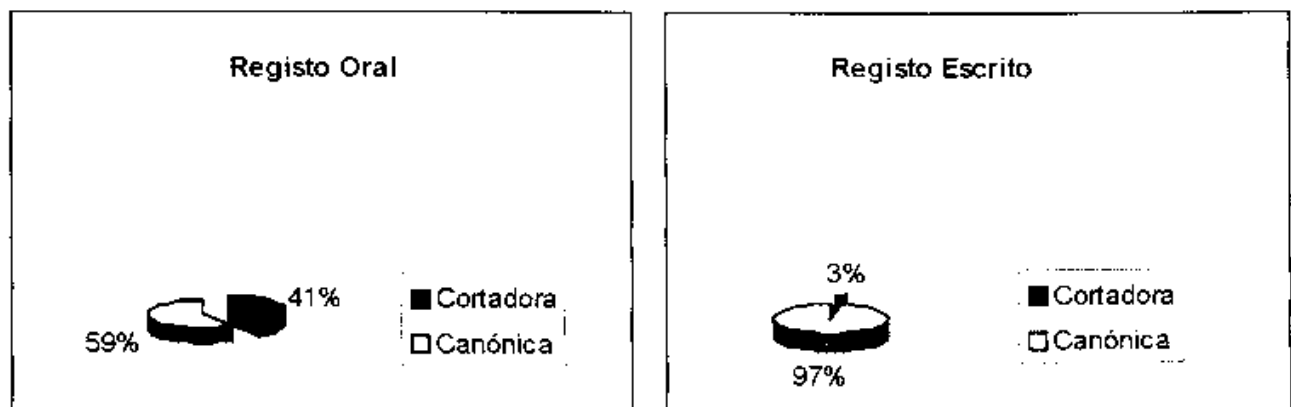
- (20) Foi um assunto **por** que já passámos esta manhã.
[Fórum TSF, TSF]
- (21) A sociedade **a** que o banqueiro preside estará definitivamente constituída até ao final de Dezembro.
[Secção de Cultura, Diário de Notícias]

O facto de as diferentes construções com o verbo *falar* surgirem com tendências de relativização opostas parece sugerir que neste caso é o tipo de preposição que determina a sua omissão e não o verbo que a rege. Esta é uma afirmação que não pode ser generalizada. Se considerarmos o gráfico da preposição *a*, verificamos que esta, em 82% dos casos, é realizada. Contudo, o gráfico correspondente ao verbo *chamar* revela que a preposição *a* que o mesmo rege tem tendência a desaparecer. Neste caso, a omissão da preposição parece ser desencadeada pela presença do verbo em questão.

Podemos, assim, concluir que existem dois factores responsáveis pela presença ou ausência de preposição:

- i) a preposição empregue
- ii) o verbo empregue

Como seria de esperar, no discurso oral, a estratégia cortadora é muito mais frequente do que no discurso escrito. Temos, assim, sessenta e quatro casos em que a preposição não está presente no discurso oral e apenas três casos em que a preposição não está presente no discurso escrito. Vejamos agora estes números em termos percentuais:



Os três casos em que a estratégia cortadora foi utilizada no discurso escrito são os seguintes:

- (22) Novos avanços foram feitos no sentido de pensar aquilo que os grupos de trabalho do fundo chamavam (em 1998) uma nova «arquitectura financeira». [Expresso, secção de opinião]
- (23) Os investigadores encontram quatro linhagens diferentes que chamaram A, B, C e D. [Expresso, secção de ciência e tecnologia]
- (24) O director de *O Jogo* aumentou de dois para quatro pontos a vantagem que dispõe sobre o trio perseguidor. [Expresso, secção de desporto]

Até agora, tivemos apenas em conta as relativas cujo pronome relativo é complemento de um verbo. Vejamos agora casos de relativas cujo constituinte relativo é complemento de um nome ou de um adjectivo.

- (25) O senhor Daniel do Adro é uma pessoa que eu tenho consideração. [Bola Branca, Rádio Renascença]
- (26) Essa é outra investigação que nós estamos muito interessados. [Edição Especial, RDP]

No primeiro exemplo, temos o nome *consideração*, que rege a preposição *por*. No segundo exemplo, temos o adjectivo *interessado*, que rege a preposição *em*. Ambas as preposições foram suprimidas. Se a estratégia utilizada tivesse sido a canónica, estas frases teriam o seguinte formato:

- (27) O senhor Daniel do Adro é uma pessoa pela qual eu tenho consideração.
- (28) Essa é outra investigação na qual nós estamos muito interessados.

2.2. Resumptivas

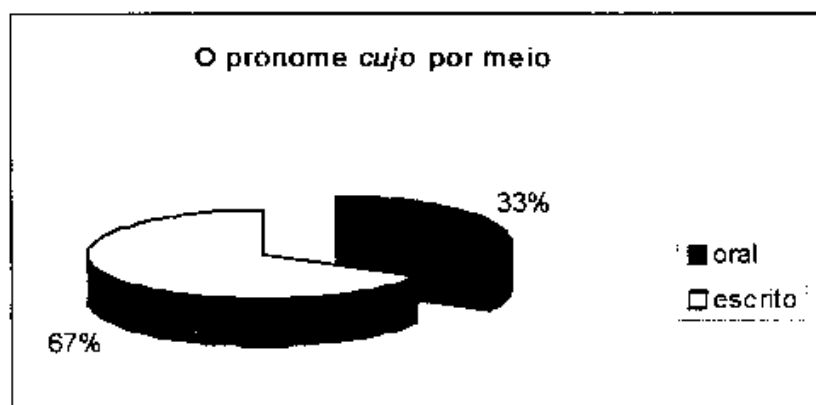
Tal como foi referido anteriormente, a estratégia de relativização resumptiva é a menos produtiva e mais marcada das estratégias de relativização usadas no português. Das duzentas e sessenta e cinco orações relativas encontradas no nosso *corpus*, apenas as duas que se seguem são claramente resumptivas:

- (29) É sobretudo a síntese de tudo aquilo e das pessoas que viveram à minha roda e que eu consegui dar-lhes forma. [Acontece, RTP2]
- (30) ...pôr em causa um princípio que antes não pensavam muito nele. [Debate sobre o Referendo sobre a Regionalização, RDP]

Dado o reduzido número de orações relativas resumptivas encontradas, não nos foi possível extrair nenhum tipo de conclusão acerca das mesmas.

2.3. Tendência para o desaparecimento do pronome *cujo*

O pronome *cujo* é cada vez menos frequente na língua falada, podendo gerar alguma estranheza quando utilizado. Temos dezoito ocorrências deste pronome no discurso oral e trinta e oito no discurso escrito. Vejamos as percentagens de utilização correspondentes:



Segundo Bagno (2001), a tendência para o desaparecimento do pronome *cujo* deve-se de certa forma ao facto de este pronome ter perdido algumas das funções que desempenhou em estádios anteriores da língua, como a de pronome interrogativo:

(31) *Cuja é esta caveira?*

Esta frase tinha um valor equivalente ao actual:

(32) *De quem é esta caveira?*

A queda em desuso do pronome *cujo* parece ser um dos factores responsáveis pelo aparecimento de relativas cortadoras. Vejam-se os seguintes exemplos, em que os falantes, para não usarem o pronome *cujo*, o elemento que mais se adequaria a construções deste tipo, acabam por recorrer à estratégia cortadora:

(33) *Nós temos nos nossos cromossomas umas partezinhas que são os telómeros, que não interessa muito os nomes.*

[*Outro Sentido*, RDP África]

(34) *Agora o Santo Padre fez uma encíclica entre a fé e a razão que eu recomendo a leitura.* [*Casos de Polícia*, SIC]

As alternativas canónicas para estas relativas cortadoras seriam as seguintes:

(35) *Nós temos nos nossos cromossomas umas partezinhas que são os telómeros, cujos nomes não interessam muito.*

(36) *Agora o santo padre fez uma encíclica entre a fé e a razão, cuja leitura eu recomendo.*

Contrariamente ao que esperávamos, não encontramos em todo o *corpus* nenhum caso de relativa resumptiva encabeçada pelo pronome *cujo*. Contudo, tal é possível, como mostram os seguintes exemplos retirados de páginas da internet escritas em português europeu:

- (37) O CENELEC é um organismo de normalização europeu cujo seu domínio de actividade é dedicado exclusivamente ao sector electrotécnico.
- (38) Mas se algumas peças eram tão difíceis de levar para casa, outras há, cuja sua chegada se aproxima do cúmulo da facilidade.
- (39) Esses servidores Web são desenhados por Web masters cuja suas tarefas típicas são construir e manter Web sites orientados para empresas.

Também casos muito frequentes nas produções orais e escritas contemporâneas em que o pronome *cujo* é seguido do determinante que se encontra incorporado naquela forma não foram detectados no nosso *corpus*. Ilustramos, novamente, estes casos com exemplos da Internet:

- (40) O processo de formação do Reino de Portugal, plasmou-se num determinado campo matricial, cujo o factor marítimo-atlântico, delimitou a expansão na faixa ocidental da Península Ibérica.
- (41) Um mercado cujas as exigências se colocam em termos de custo, tempo, qualidade e ambiente.

2.4. Uso incorrecto da preposição

Os casos que se seguem são casos em que uma preposição é indevidamente utilizada, ou porque o verbo em questão não rege nenhuma preposição ou porque o verbo rege uma preposição diferente daquela que os falantes empregaram. Relativamente ao primeiro caso, os exemplos são os seguintes:

- (42) O aumento de queixas, na polícia, nomeadamente na polícia judiciária que é a realidade de que eu conheço melhor prende-se também um pouco com isso.
[Programa *Maria Elisa*, RTP1]
- (43) Eu gostaria de colocar uma pergunta ao doutor Gilberto Madaíl, de quem admiro muito, que era...
[*Livre e Directo*, RDP]
- (44) É um investimento em que nós estamos muito satisfeitos por ter feito.
[*Dinheiro Vivo*, RTP2]

Em relação ao segundo caso, registámos a seguinte construção:

- (45) Há uma coisa aqui com que eu discordo.
[Programa *Maria Elisa*, RTP1]

A agramaticalidade desta frase deriva do facto de o verbo *discordar* reger a preposição *de* e não a preposição *com*. Esta construção agramatical resulta provavelmente de uma analogia com o verbo *concordar*, que rege a preposição *de*.

A frase que se segue é bastante mais estranha do que aquelas que até aqui apresentámos, pelo facto de existir uma preposição a preceder um pronome relativo com a função sintáctica de sujeito:

- (46) Pedofilia, um tema de que, como dizia o professor Rosado Fernandes na primeira parte deste programa, está na moda há alguns anos a esta parte.
[Programa *Maria Elisa*, RTP1]

3. Conclusão

No português europeu, tal como no português do Brasil, existem três estratégias de relativização disponíveis, quando o verbo da oração relativa rege uma preposição: a estratégia canónica, a estratégia cortadora e a estratégia resumptiva. A estratégia canónica é a única reconhecida pela norma da língua e, no que respeita ao discurso dos meios de comunicação social, continua a ser a estratégia mais utilizada. Contudo, a estratégia cortadora tem vindo a generalizar-se, sendo que em alguns contextos os falantes preferem esta estratégia à canónica, que consideram pouco natural. As hipóteses apontadas para justificar esta tendência são, entre outros factores, a influência do português do Brasil, que usa preferencialmente a estratégia cortadora, e a crescente diminuição do uso do pronome *cujo*.

No que respeita à estratégia resumptiva, esta raramente é utilizada em ambas as variedades do português, sendo a sua aceitabilidade muito reduzida.

Se a tendência que se tem verificado até aqui se mantiver, é possível que a estratégia cortadora se venha a sobrepor à canónica, havendo necessidade de a norma passar a reconhecê-la não como um desvio mas como uma alternativa válida.

Referências

- Alexandre, Nélia (2000) *A estratégia resumptiva em relativas restritivas do português europeu*. Tese de Mestrado, Faculdade de Letras da Faculdade de Lisboa.
- Alexandre, Nélia (2001) A produção de relativas resumptivas: uma mudança em curso? Comunicação apresentada no congresso *O Estado Actual da Língua Portuguesa e sua Relação com os Países Lusófonos*. Organizado pela Sociedade de Língua Portuguesa.
- Bagno, Marcos (2001) *Português ou brasileiro? Um convite à pesquisa*. São Paulo: Parábola Editorial.
- Corrêa, Vilma (2000) Variação sintáctica em Portugal e no Brasil: orações relativas. In *Actas do XVI Encontro da APL – Colóquio PE/PB*. Lisboa: APL/Colibri.
- Cunha, Celso & Luís F. Lindley Cintra (1999) *Nova gramática do português contemporâneo*. 15.^a edição revista e aumentada. Lisboa: Edições João Sá da Costa.
- Mateus, Maria Helena Mira et al. (2003) *Gramática da língua portuguesa*. Lisboa: Editorial Caminho.
- Peres, João & Telmo Móia (1995) *Áreas críticas da língua portuguesa*. Lisboa: Editorial Caminho.